**A CHAVE DE OURO NO SONETO 65 DE SHAKESPEARE**  **E IVO** **BARROSO**

**W. J. Solha**

**Conta Orris Soares que seu amigo Augusto dos Anjos**  **“não raro começava os sonetos pelo último terceto,” e Edgar Allan Poe** **, ao falar sobre a construção de “O Corvo”, revela que o refrão “never more” - que encerra e alimenta o poema - foi o primeiro elemento que se lhe apresentou, quando foi escrevê-lo. Não duvido que a maioria dos poetas comece – teleologicamente - pelo fim, como no repente sertanejo nordestino, em que o cantador é desafiado a improvisar a partir do mote que lhe é proposto e com que deverá encerrar uma série de estrofes. Claro: se se tem o *grand finale,* como no sexo, tudo mais já vem com o estímulo e padrão de algo que certamente culminará no gozo estético. Se o poeta do EU já tinha o terceto final antes de começar o soneto, sabendo antecipadamente que iria encerrá-lo com chave de ouro, é de se crer que o Bardo já produzia, também, suas três estâncias de quatro versos cada, com o conclusivo dístico na agulha.**

[**1. Dístico**](http://www.dicionarioinformal.com.br/significado/d%C3%ADstico/764/)

 [Do gr. dístichon,pelo lat. distichon .] S. m.1. Grupo de dois versos; parelha. 2.Máxima de dois versos. 3. Rótulo; letreiro. 4.Heráld.P. ext. Divisa de um escudo.

**Criá-lo é um desafio.**

**Glória do poeta, se o consegue,**



**martírio... e glória do**  **tradutor** **, se consegue igualá-lo.**

**Ivo Barroso diz, na apresentação de seu SHAKESPEARE - 50 SONETOS****, que ao traduzir o prefácio da versão neerlandesa dos poemas do Bardo, feita por W. van Elden**  **( que na foto recebe o “cravo de prata” do Príncipe Bernhard ), passou *a ter consciência das dificuldades a que se expunha, em qualquer língua, quem intentasse traduzir os sonetos shakespearianos, querendo manter-lhes o ritmo, os jogos de palavras, as polissemias e duplos sentidos, o vocabulário ora erudito ora popular, a riqueza de ambientes, cores, tons, sem falar nas metáforas peculiares e nos recursos formais que funcionam como elementos gestálticos* . Elden – que ele conheceu pessoalmente quando na Holanda, no final dos anos 60 – dizia que *Shakespeare conseguiu extrair da forma soneto todos os recursos poéticos, como aliteração, rimas internas, antíteses, repetições e trocadilhos, logrando um resultado quase inatingível. E tudo com tal facilidade e naturalidade que os recursos técnicos podem até passar despercebidos a quem não procurá-los expressamente*.**

**Pela cerebral *aparência* denaturalidade e pelo enorme *know-how* exigidos a uma grande tradução, todo tradutor lembra outro holandês.**



van Meegeren in 1945, painting *Jesus Among the Doctors* (his last painting in the style of [Vermeer](http://en.wikipedia.org/wiki/Vermeer%22%20%5Co%20%22Vermeer)) .

Su falsificación más exitosa fue [*Los discípulos de Emaús*](http://es.wikipedia.org/wiki/Los_disc%C3%ADpulos_de_Ema%C3%BAs), creada en [1937](http://es.wikipedia.org/wiki/1937) mientras vivía en el sur de Francia. Esta pintura fue aclamada por algunos de los más importantes expertos de arte como la mejor obra de Vermeer que habían visto. 

**Mas traduzir não é “apenas” criar um *Shakespeare´s sonnet* como Franz Xaver Süssmayr**  **criou grande parte do Réquiem que Mozart deixou inacabado. É compô-lo *como se fosse um Shakepeare português ou brasileiro* a recriar um equivalente inglês.**

**Daí *a sensação* – diz Barroso**  **- *de incompletude, a frustração de não conseguir a desejada semelhança, a mesma riqueza e elevação de tom que prevalece no original. Por outro lado – acrescenta -, alguma vez nos visitou a alegria de ter produzido um e outro verso que espelhava um momento satisfatório de nossa própria realização poética*.**

**Confirmando isso, Nehemias Gueiros,**  **no posfácio do 50 SONETOS, depois de nos dar uma alentada relação de tradutores dos Sonnets *para o antagônico português*, avalia os decassílabos do nosso Barroso como *de mestre*.**

**Ótimo. Sendo isso tão prazeroso, coloco-me no lugar de quem pôs o Brasil a ler Rimbaud, Eco, Hesse, Gide, Malraux, Perec, etc etc e, de repente, decido-me a traduzir o belo Soneto 65, do imenso William. Deparo-me, então - como ante tantos outros poemas do conjunto - com o engenho do mote, que é um dístico realmente “chave de ouro”, peça fundamental pra se penetrar nessa pequena e sofisticada obra-prima. É incrível como o Bardo parte do óbvio – pois lamenta que nada escape da morte, *O, nada*, inclusive o objeto de seu amor – até que.... atenta para a própria genialidade – e isso é belíssimo para a Poesia e para o poeta - com a qual essa... paixão... ainda possa... na tinta negra... brilhar intensamente.**



**Bem, mas magia ainda maior – e aí o problema - é que a beleza do soneto está mais *na forma* como isso é dito, através da *quase* simetria dos contrários “black”... e “bright”:**

**O! none, unless this miracle have might,**

**That in black ink my love may still shine bright.**

**Veja ( continuo a me colocar como o tradutor) que quase todos os sonetos poderiam ter uma versão compacta, que se limitasse a seu início e ao final. Observe como os dois primeiros versos “montam” – como num filme - com os três últimos, “dispensando” os nove outros entre eles:**

**Se ao bronze, à pedra, ao solo, ao mar ingente,**

**Lhes vem a Morte o seu poder impor,**

**(...)**

**( O que ) não lhe sofre o espólio nesta vida:**

**Nada! A não ser que a graça se consinta**

**De que viva este amor na negra tinta.**



**O jogo de palavras “black” e “bright” aqui encontra – quase - paralelo em “graça” e “negra” , que vão ressoar em “consinta” e “tinta”, mas...**



**... o excepcional efeito em Shakespeare, onde o núcleo duro do poema *vem num só verso, justamente o último*, que desce, escurece e se fecha em “black ink”, pra em seguida subir, se iluminar e se abrir em “shine blight” – perdeu-se.**



**Mas... quando Ivo Barroso diz que da morte nada escapa,**

**A não ser que a graça se consinta**

**De que viva este amor na negra tinta,**

**ele, ao ousar inverter o *crescendo,* o desabrochar shakespeariano, firma-se como poeta em sua obrigatória originalidade, e se torna, nesse momento, um Shakespeare lusófono que se decide a centrar na última expressão do soneto – “negra tinta” - o paradoxo de nela justamente estar a inesperada, luminosa “graça” , que na vida agora eterna desse amor... “consinta”.**



